

Arivaldo J. Sezyshta
Mestrando no Programa de Pós-graduação em Filosofia/UFPB
asabranca13@uol.com.br

**O LEGADO ÉTICO MARXIANO:
considerações a partir da filosofia latino-americana da libertação**

O legado marxiano continua sendo imprescindível aos que não vêem no capitalismo o único e definitivo sistema da humanidade. O “globalitarismo”¹, ao impor uma determinada cultura e uma determinada concepção de vida ao mundo, pretendendo perpetuar o presente momento histórico, desistoriciza o tempo e fecha os espaços para a ética. Para compreender as contradições desse modelo de pensamento único, a reflexão marxiana é fundamental, enquanto teoria que continua a ser um programa de libertação e de construção de uma sociedade plenamente humana.

Marx, desde seus primeiros escritos, mostra a necessidade da filosofia mudar de interlocutor, passando da burguesia liberal, por não ter suficiente força histórica, para a humanidade sofredora, liderada pelo proletariado. Apresenta, assim, a urgência e a possibilidade de um novo projeto político, fazendo da questão social um dos maiores problemas filosóficos, escolhendo a economia como lugar mais pertinente para desenvolver seu discurso ético-crítico. Desta forma, a crítica marxiana parte da constatação que o futuro criador da riqueza nada tem: “O trabalho como pobreza absoluta: pobreza não como carência, mas como plena exclusão da riqueza objetiva” (MARX: 1976, 235). No embate concreto e cotidiano pela sobrevivência, o trabalhador só tem a oferecer sua corporalidade despida, “como quem levou ao mercado sua própria pele e não pode esperar outra coisa: que seja curtida” (MARX: 1981, 213).

Contudo, há que se dar um passo além, pois Marx sempre esforçou-se por mostrar que “não é a crítica, mas a revolução a força motriz da história” (MARX: 1989, 56) e que, portanto, “a libertação é um ato histórico e não um ato de pensamento” (MARX: 1989, 65). Além disso, na XI Tese sobre Feuerbach, Marx insiste na importância da práxis ao dizer que “Os filósofos se

¹ Expressão cunhada pelo Professor Milton Santos para expressar a globalização acompanhada do totalitarismo (SANTOS, 2000, cap.1)

limitaram a interpretar o mundo de diferentes maneiras; mas o que importa é transformá-lo” (MARX: 1989, 128).

Trata-se, portanto, de compreender que a filosofia latino-americana da libertação, Dussel em particular, inspira-se em Marx para cunhar seu próprio projeto utópico-crítico ao entender que filosofar autenticamente só é possível a partir da realidade, procedendo, assim, uma crítica do existente e projetando uma emancipação através do imperativo político que é a transformação do mundo em uma moradia digna para todos: “As vítimas criticam a ordem, proclamam sua dissolução, a necessidade de seu desaparecimento: é o juízo ético-crítico negativo por excelência do sistema como totalidade” (DUSSEL: 2000, 320). Abre-se, portanto, pela força do desejo, o espaço ético: a necessidade da utopia que conduz a uma ação concreta transformadora. Esse trabalho humano, além de dar sentido à vida e de propiciar a supressão da alienação, permite a antecipação do futuro, do ainda-não-ser, pela ruptura da ordem estrutural vigente.

Não se trata de um ideal abstrato, mas de uma esperança concreta, da qual está “grávida” a verdadeira filosofia, que se torna, dessa maneira, instrumento revolucionário capaz de contribuir no processo de libertação da opressão, resultante da desigualdade econômica e de seus efeitos.

Portanto, a tarefa filosófica é proceder a práxis-transformadora. Neste processo de interpretação e, sobretudo, de transformação do mundo em uma nova sociedade, “a teoria orienta a prática e é por ela retificada” (VIEIRA: 2000, 61). Ao suprimir a alienação pela consciência de que seu conflito individual está inserido no conflito de classes, o ser humano luta contra a desumanização e torna-se incansável promotor de humanidade. Esse humanismo concreto, que coloca o conceito revolucionário a serviço da construção da verdadeira sociedade socialista, aspira ao “Reino da Liberdade” (MARX: 1976, t.3), não enquanto uma quimera, mas enquanto uma “metamorfose do mundo além da opressão” (BLOCH: 1976, 322).

Essas considerações permitem a compreensão de que somos de fato filósofos quando contribuimos “para que o ainda não possível vá se aproximando como realidade tangível e gozo coletivo” (ASSMANN: 1982, 272).

Precisamente, trata-se de uma tarefa coletiva que não pode prescindir da alteridade das vítimas, da existência do outro que sofre, pois “A alteridade das vítimas descobre como ilegítimo e perverso o sistema material dos valores, a cultura responsável pela dor injustamente sofrida pelos oprimidos, o ‘conteúdo’, o ‘bem’” (DUSSEL: 2000, 316). Defende-se, assim, a

I SEMARX
I SEMANA DE ESTUDOS MARXISTAS

Instituto Romulo Almeida de Altos Estudos (IRAE)
Faculdade de Ciências Econômicas (FCE)

universalidade da vida e adota-se como própria a alteridade das vítimas, descobrindo que a validade hegemônica é dominadora e “julga o pretense ‘bem’ do sistema vitimário como dominador, excludente e ilegítimo” (DUSSEL: 2000, 316).

Nesse sentido, Dussel cita a mensagem do Exercito Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) para mostrar que a passagem da “não-consciência” ou da consciência ingênua para “consciência ético-crítica” só é possível a partir da descoberta da própria negatividade:

E aprendemos em suas palavras que a longa noite de dor de nossa gente vinha das mãos e palavras dos poderosos, que nossa miséria era riqueza para uns quantos (...) e que a abundância de sua mesa se enchia com o vazio de nossos estômagos, e que seus luxos eram paridos por nossa pobreza e que a força de seus tetos e paredes se levantava sobre a fragilidade de nossos corpos, e que a saúde que enchia seus espaços vinha da morte nossa, e que a sabedoria que ali vivia de nossa ignorância se nutria, que a paz que a cobria era guerra para nossa gente” (DUSSEL: 2000, 314).

Essa tarefa de construir humanidade, esse trabalho, esse fazer ao qual nos dispomos supõe, portanto, a relação com o outro. Trata-se do eu-tu da relação inter-humana. É uma outra perspectiva, uma outra visão, que passa longe das relações de Mercado, que é capaz de incorporar o outro enquanto outro, junto a mim.

Desta forma, nossa grande utopia do Reino da Liberdade, precisa, urgentemente, ser referendada no agir e no pensar miúdo, para que não se perca, para que não se esvaia no vazio e no nada. Esse é um grande desafio: ou conseguimos operacionalizar nossa interpretação filosófica em práxis transformadora ou estamos dispersos e perdidos na dança cósmica dos átomos e moléculas. Isso porque, para além da interpretação da realidade, necessitamos, permanentemente, de ações eficazes que minimizem a dor e maximizem a felicidade. Forja-se, assim, a atitude ética fundamental: o amor pela humanidade, traduzido em gestos concretos de cuidado e de luta para a efetiva libertação de todas as vítimas.

Nesse sentido, a filosofia só é autêntica quando deixa como herança o imperativo político da transformação da realidade. Nessa concepção, o legado marxiano continua sendo fundamental, pois possibilita um conjunto teórico que permite a constituição de um real programa de libertação e de construção de uma sociedade verdadeiramente humana. Para isso, impõe-se, igualmente, a necessidade da ética e sua permanente função de perguntar pelos

princípios últimos que justificam as decisões humanas. Impõe-se também a necessidade de considerar o outro, pois falar de ética implica em falar de convivência humana: há necessidade da ética porque há o outro ser humano, sujeito de direitos e portador de dignidade. Este é o princípio dessa ética da libertação que se constitui enquanto ética da vida, procedendo uma crítica ao sistema vigente a partir da relação que se produz entre a negação da corporalidade, expressa no sofrimento das vítimas, e a tomada de consciência desta negatividade. Assim, como já foi dito, a atitude ética fundamental é uma atitude de amor pela humanidade.

É desta forma que destacamos a importância do pensamento marxiano para os dias de hoje, para o combate ao pensamento único (neoliberalismo) e para a permanente práxis transformadora, mostrando que a filosofia é importante quando ocupa-se da problemática humana, percebendo a urgência da ética no cotidiano humano, aprofundando o “princípio libertação” na e a partir da ambigüidade humana, destacando que filosofar é humanizar o ser humano.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- BLOCH, Ernst. *Lê Príncipe Esperance*, Tome I, Paris: Gallimard, 1976;
- ASSMANN, Hugo. A fé dos pobres na luta contra os ídolos. In. VVAA. *A luta dos deuses: os ídolos da opressão e a busca do Deus Libertador*. São Paulo: Paulinas, 1982;
- DUSSEL, Enrique. *Ética da Libertação – na idade da globalização e da exclusão*, Tradução de Ephraim Ferreira Alvez, Jaime A. Clasen e Lúcia M.E. Orth, Petrópolis: Vozes, 2000;
- MARX, K. e ENGELS, F. *A ideologia alemã*, 7ª edição, São Paulo: Hucitec, 1989;
- _____. *Elementos fundamentales para la crítica de la economía política*. México: Siglo XXI, 1976, 3 vol;
- _____. *El capital*, México: Siglo XXI, 1981;
- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal*, Rio de Janeiro: Record, 2000;
- VIEIRA, Antonio R. *Marxismo e libertação*, João Pessoa: CCHLA – Ensaio, 2000;